

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *A noite*

Class.: *PIP antecedente*

Data: *18.05.49*

Pg.: *463*



A VISTA OS XAVANTES — A bela escpa pintada: morte pela engenharia V. Vazquez; flarante colhido quando um xavante proten di...; a mulheres Calapalos olhando com curiosidade para os br... despojar da camisa um expedicionário (Orlando Vilas Boas) interferiu e o índio concordou em receber um facão em tro... achando naturalmente estranho o uso de tanta roupa...

A VISTA os Xavantes!

A sensacional expedição da Aeronáutica, chefiada pelo brigadeiro Aboim, à região do Brasil Central — Pacificação de três tribos inimigas, numa conferência singular, realizada em plena selva — Jube, o chefe cu jo coração não se afoba... — A vida dos selvícolas na região do Aragarças — Costumes pitorescos e cenas dramáticas — Se o doente morre, morre também o médico — Surgem os xavantes! — Audaciosos no contacto com os brancos. — A entrega dos presentes é o regresso

(Reportagem e fotos de José Montenegro)



Três tipos importantes dos habitantes do Brasil Central: um índio xavante, que se mostrou irritadíssimo com o repórter, estendendo a mão para agou ser uma arma; um belo tipo de índio calapalo; e outro calapalo preparado para executar a tana.



Preocupadamente, os Xavantes acomodaram-se na ubá, do retorno...

Sob o comando do brigadeiro Raymundo Vasconcelos de Aboim, no dia 3 de março, saiu o vôo para a região do Brasil Central em Goiás, importante expedição aeronáutica. Vários pilotos da Força Aérea Brasileira, levando depilados, jornalistas, oficiais, enfermeiros, engenheiros e da Aeronáutica, chegaram à confluência dos rios Aragarças, em 10 horas, simultaneamente do Rio de Janeiro e de São Paulo. Apesar da distância, após das 15 horas, sob o comando de experientes pilotos e navegadores, este aeródromo de arborizada localidade situada na confluência dos rios das Garças e Aragarças, em plena região do Brasil Central, nas dividas dos Estados de Mato Grosso e Goiás.

Em Aragarças

Aragarças nasceu como nascente de todos os logarejos, em locais distantes, local, um aventureiro dá o grito: "Aqui há brilhantes e ouro!" na ansia de se tornarem ricos de um momento para outro, outros, desbravadores e aventureiros acodem ao local. Erguem cabanas cobertas de palha, empinham picaretas, picaretas, outras ferramentas, e de sol a sol cavam o escanho, removem-no, peneiram-no. Assim, passam-se os tempos, os garimpeiros continuam, pobres e as margens dos rios apresentam-se cheias de fardas, fardas por enormes montes de cascalho. Mas às vezes acontece que um tipo é ouvido. É o sinal de que alguém achou alguma coisa. O feliz, então saudado com outros tiros, em resposta ao sinal de que um diamante foi encontrado, após dezenas de toneladas de cascalho revolvidas. Aparece um comprador e adquire a pedra preciosa. Nesse mesmo dia, a platinada mulher e as dividas acumuladas consomem tudo. Além do mais, o "feliz" é obrigado a retribuir os colegas, para a festa como dizem. De sorte que no dia imediato, o garimpeiro volta a empunhar os cabos da pá e da picareta, e sua vida prossegue cheia de esperanças até que a margem, um tiro ou a ponta de uma faca põem ponto final à sua vida cheia de acidentes e aventuras...

Xavantina

Em Aragarças estiveram os expedicionários hospedados no hotel ali mandado construir há tempos pela Fundação Ernãil Central. Trata-se de uma linda edificação de um só piso, sóbrio e confortável. Durante os dois dias que ali permanecemos, visitamos, demoradamente as obras construídas pela Fundação, deslanchando-se entre elas um pequeno, e bem aparelhado hospital,

uma moderna e bem orientada função de administração pública para o qual são enviados alunos do SAM, orientados por uma jovem talentosa e do abnegado apostólica. Todavia, alguns fomos informados, já se verificaram várias fugas.



O brigadeiro entre dois calapalos em trajes de cerimônia

No dia 8 rumamos para Xavantina, logarejo admirável, situado na margem direita do rio das Mortes. Seus habitantes, com rara exceção, são funcionários da Fundação Brasil Central, destacando-se entre eles o médico local, Dr. Noel Nutel, sua esposa,

Sra. Elisa, e os irmãos Orlando, Cláudio e Leonardo Vilas Boas. Os irmãos Vilas Boas, filhos de nascimento, são verdadeiros bandeirantes modernos. De longas barbas negras, tão queimada pelo sol, constituem os ídolos das numerosas tribos existentes no Alto Xingu. A estes jovens deve-se a pacificação de vários aldeamentos de selvícolas. Graças aos trabalhos dos irmãos Vilas Boas, tem logrado a Fundação do Brasil Central, a pacificação de três tribos inimigas, a qual foi resolvida facilmente pelo brigadeiro Aboim e pelos coronéis brasileiros. Isto porque a maior barreira, para por outra, uma das maiores barreiras consistia a resistência oferecida pelo índio ao avanço da civilização. Os Vilas Boas, entretanto, dominados e com meios susseguiram até a colaboração dos selvagens na abertura de campos de pouso. Com grande facilidade falaram as línguas das várias tribos conhecidas na região.

A NOITE — 4.ª feira, 18/5/49 — N. 13.182

Tribos existentes na região do Alto Xingu

No dia oito, a expedição, sob o comando do brigadeiro Aboim, chegou ao Xavantina, rumo ao Alto Xingu. Após uma hora de vôo, os aparelhos pousaram naquele local, em pleno coração do Brasil, nas margens do rio Colúene. Como não houvesse no Alto Xingu a acomodação para todos os expedicionários, sua grande maioria, ficou ao relento. Os deputados Café Filho e Juracy Magalhães também deram preferência à hospedagem no ar livre. Sua rede, bem como as de outros membros da expedição, foram armadas sob frondosas árvores, circundadas por vários casebres ocupados por índios. Tjham ido ao Alto Xingu aguardar a chegada da expedição aeronáutica. Assim que os aparelhos pousaram, os selvícolas envolveram-nos, e diminuído-os detalhadamente. Pouco falaram da língua portuguesa. Conheceram alguns vocábulos e com dificuldade conseguem articular frases. Mas sabem pedir como bem poucos. Não podem ter uma camisa. Pedem-na, sem maior cerimônia. Indagam o nome

CONTINUAÇÃO DA ÚLTIMA PÁGINA

valiosas dadas oferecidas pelas autoridades. À noite, o brigadeiro Aboim e o capitão Cunha Filho, dedilhando suas sanfonas, proporcionavam esplendidas horas de boa música. Curiosos, atraídos pelas melodias, os selvícolas aproximavam-se e extasiavam-se com as peças musicais executadas. Aliás, os "caraibas" constantemente pediam "bis" e os músicos aviadores, embora fatigados, com a melhor boa vontade atendiam o auditorio.

Pacto de paz

Pelo Sr. Orlando Villas Boas soube o brigadeiro Aboim que existia, há meia hora de voo dali, uma tribo um tanto arredia. Seus componentes viviam em constantes guerras com os Kamaiurás e Guicucuros. Tratava-se dos índios Jurunas, homens destemidos, fortes, musculosos, de longos cabelos, embora menos altos que seus irmãos de outras tribos. Pelos mais fúteis motivos, os Jurunas faziam incursões nas aldeias vizinhas e davam alterações de grosso calibre. Evidas as réfregas, deixavam os Guicucuros alguns cadáveres arpassados por suas flechas certeiras e outros com os crânios esmigalhados a bordunadas.

O brigadeiro Aboim resolveu então levar a paz entre os selvagens. Em companhia de grande parte da expedição, seguiu para a aldeia dos Jurunas. Um tanto arredios, foi com alguma dificuldade que logrou avistar-se com eles. Algum tempo depois, se os Jurunas falassem português, estaríamos chamando de compadres. Os deputados Café Filho, Juruna, Magalhães, o brigadeiro Aboim e os demais "caraibas" integraram a expedição. Jubbé, o chefe dos Jurunas, de porte marcial, com os braços cruzados, ouvia através de um intérprete as palavras do brigadeiro Aboim, aconselhando a viver em paz com as demais tribos. Finalmente, o homemzinho de cabelos longos e braços musculosos sorriu ligeiramente e prometeu paz. Foi convidado a jantar até o alto Xingu de avião, fim de avistar-se com os chefes das demais tribos. Jubbé não titubeou. Embarcou numa das possantes aeronaves pilotada pelos capitães Leal Neto e Walter Castilho. Quando o avião ganhou altura, Jubbé olhou pela janelinha do aparelho. Não sentiu a mínima emoção. Parecia um diplomata com milhares de horas de voo. Apenas admirava as malocas que regia e o seu vasto território.

Instantes de emoção

Depois de trinta minutos de voo, os aparelhos pousaram no campo do Alto Xingu. Centenas de índios acudiram ao aeródromo. Quando divisaram o implacável inimigo Jubbé, correram ao seu encontro. Todos, a um só tempo, queriam por as mãos sobre o torax largo e musculoso do chefe inimigo, o terror das tribus pacíficas. Impassível, Jubbé mantinha-se de cabeça erguida, quedo, como uma estátua. Parecia fazer questão em ser auscultado por todos os demais índios. Terminado o singular episódio, Jubbé, o temível guerreiro de cabelos longos, explicou, através de um intérprete.

— Esses índios pensam que meu coração, em sinal de medo, tenha saído de seu ritmo, batendo desordenadamente. Diga a eles que Jubbé não tem medo de ninguém. Venho oferecer a paz, a pedido de Orlando Villas Boas e do caraiba (brigadeiro Aboim). Ao anoitecer, tiveram início as conferências de paz. Foi tudo muito simples e sem complicações, e nem apartes impertinentes. Não houve exigências de domínios sobre territórios e populações. Não houve palavreados inúteis e as sessões foram democraticamente feitas em público para quem quisesse ouvir. Três discursos, apenas, foram pronunciados. Falaram três chefes de tribus e em menos de uma hora, a paz baixava entre os selvícolas, levada pelas asas gloriosas da Força Aérea Brasileira.

Chegada a hora de dormir, os chefes Tamapur, dos Camaiurás, e Afucoca, dos Guicucuros, convidaram Jubbé para pernoitar entre os seus. Mas Jubbé achou que a paz estava ainda muito fresca e, portanto, não deveria pernoitar entre os ex-inimigos. Preferiu, assim, dormir entre os "caraibas". Orlando Villas Boas armou sua rede equipada com um belo cobertor, ao lado dos expedicionários. Jubbé dormiu como um justo e no dia seguinte, reafirmou o pacto de paz, agarrou o arco e meia dúzia de flechas, e rumou para sua aldeia, depois de prometer ao brigadeiro Aboim que deixaria de ser do briga.

Caçadas e pescarias

Ainda no posto do Alto Xingu, boas pescarias e caçadas foram feitas pelos expedicionários. Os engenheiros Haroldo Poland e Vivaqua, secundados pelos capitães Valter Castilhos, Leal Netto e Ubiratam, este último também experimentado piloto, eram os animadores das caçadas. No segundo dia da nossa permanência no Xingu, realizaram-se estupendas caçadas e pescarias. Numa delas, foi abatida uma exemplar de jaguar. Estavam os caçadores nas margens do Coluene, quando ouviram os esturros da onça. Um índio, que lhes servia de guia, entrou a imitar o felino. Pouco a pouco, a fera se foi aproximando e quando estava em ponto de tiro, o engenheiro Vivaque deu ao gatilho. A bala atingiu o animal em pleno peito. Ferido, deu um urro e saltou para a mata. Pouco depois, foi encontrada morta, a cem metros do local. Atirou-a ainda uma bala desferida pela arma empuñada pelo capitão Leal Netto. Nesse mesmo dia, o jantar foi acrescido com abundante peixe de vários pintados pescados no Coluene.

Tradições, usos e costumes das várias tribos do Xingu

Por hora são habitadas as seguintes tribos que habitam o Xingu: Calapalos, Camaiurás, Nuanua, Matipus, Auro, Camaiurás, Macacos, Eucaris, Tapanas, Incharitis e Jurunas. Há um tanto arredios, os usos e costumes das várias tribos, variam muito pouco. Todas possuem um ou dois curandeiros ou curandeiros, cuja missão é curar os doentes. Aliás, pelo que ouvimos narrar não é missão tão muito árdua. Os curandeiros, quando não arrebata a morte seus clientes, estão sujeitos a serem dêsse para outro mundo,

mo responsável pela morte do doente e é imediatamente morto pelos membros da família enlutada. Sem uma palavra de protesto, o pagé entrega o pescoco ao facão... Quando o feiticeiro vê as cousas mal paradas convoca uma conferência médica para dividir as responsabilidades, caso o doente morra. A propósito, contou-nos o catequizador de índios Orlando Villas Boas que o chefe Calapalo Izarari adoeceu gravemente. Fora Mo, segundo afirmam, o fundador do explorador Fawcett. O pagé chamado a curá-lo nada conseguiu. Dias depois Izarari morria. Seus filhos menores, no mesmo dia, degolaram o "médico" fracassado. Unidos com um facão ce-go, agarraram o feiticeiro. Longos minutos sofreu o infeliz, pois o instrumento então fizeram muita força os matadores, só depois de muito tempo separou a cabeça do corpo do desgraçado "esculápio".

As mulheres viúvas também são vítimas. Ao perderem o marido, a mulher Calapalo é mantida sob custódia. Dura a sua prisão: nove meses. Só poderá sair à noite. Fim do tempo, a viúva está habilitada a contrair novas núpcias. Tal medida é tomada, a fim de que a mulher possa afirmar com convicção a paternidade dos filhos que concebe. Não menos feliz a situação das jovens que atingem a puberdade. São presas durante nove meses, só readquirindo a liberdade quando noivas. Existe entre os índios daquela região um sério problema — o da sogra. O indiano casar-se é obrigado a manter a sogra. Torna-se um ser vivo. É vedado ao gênero dirigir a palavra à sogra, sob pena de graves castigos.

— A aldeia dos Calapalos, o brigadeiro Aboim fez uma distribuição de facões, colibris e flechas aos índios. Em seguida, executaram eles singulares danças. Trata-se da Tãna. De cores bizarramente pluviosas, vistosos colares de dentes, penas de araras e papagaios, soprando esquilistas, longas serpentinas entraram a tocá-las, arrapando sons graves, monotonos. Dançaram os selvícolas que a Tãna era executada em dias excepcionais. Aquele era para eles um dia excepcional.

Xavantes!

Dois dias depois, recebíamos notícias do inspetor Francisco Meireles, do Sr. P. J., de que os índios Xavantes estavam se aproximando do acampamento de São Domingos, situado na margem direita do rio das Mortes. Sem perda de tempo a expedição aeronáutica decolou para São Domingos, distante quase trezentos quilômetros em linha reta do Xingu. Chegara, enfim, o dia tão ansiosamente esperado pelos expedicionários.

Quando atingimos São Domingos, fomos informados pelo inspetor Meireles de que o acampamento já havia sido visitado pelos arredios Xavantes. Havia feito uma "limpeza" em regra. Os Xavantes carregaram tudo que podiam apanhar. Sob a chefia do índio Urupassena, fizeram uma "limpeza" completa na residência do inspetor. Panelas, bacias, pratos, garfos, talheres, taças, cadeiras, patos, galinhas, tudo foi levado para a margem direita do rio das Mortes. O inspetor Meireles, através de um intérprete, avisou-os de que mais tarde receberiam muitos presentes após nossa chegada. Por esse motivo, acamparam os índios na margem do rio, distante das malocas, mais de setenta quilômetros.

Ao saberem da nossa chegada, os índios atravessaram o rio das Mortes a nado e exigiram presentes. O brigadeiro Aboim tentou distribuir panelas, facões e adornos, em ordem. Porém, os Xavantes foram imediatamente arrebatando das mãos de seus auxiliares os presentes, bruscamente. Desconfiados, temendo uma cilada, os famosos selvagens andavam atentos. As máquinas fotográficas traziam-nos sobressaltados. Ao divisar uma câmera fotográfica, empurravam os fotógrafos e reporteres de maneira pouco cordial.

Pelas fotos que estapamos, pode o leitor verificar que os Xavantes são índios fisionômicamente diferentes dos demais selvícolas daquela região. São feios, tremendamente feios. Possuem amplos maxilares fortíssimos. Ao que tudo indica, a dos Calapalos e Jurunas.

A tarde, em ubas, resolvemos ir até a outra margem do rio das Mortes, onde estavam acampados os Xavantes. O brigadeiro Aboim fez transportar utensílios apreciados pelos selvagens. Ao atingirmos seu acampamento, não nos foi permitido dar dois passos, além da barranca do rio, mata a dentro. Quando tentávamos atingir a orla da mata, éramos impelidos para trás com violência. Finalmente soubemos o motivo da atitude dos Xavantes. Suas mulheres, filhos e número de guerreiros estavam ocultos. Estes deveriam entrar em ação, tão breve fosse necessário lutar contra os brancos.

Ao que tudo indica, os Xavantes têm a impressão de que os civilizados são homens fracos e que se negam a lutar, e que os presenteados com medo de um ataque. Por isso, é com altivez o descaço que tratamos civilizados. Muitos foram os brancos massacrados pelos Xavantes, destacando-se entre suas vítimas o inspetor Pimentel Barbosa, com vários auxiliares, um padre católico. Como é natural, os catequizadores jamais tomaram qualquer medida de represália e dos julgamentos os Xavantes serem os civilizados homens sem espírito de luta e de vingança, consequentemente, fracos. Não fazem a mínima ideia do que seja a vida, além das margens do rio das Mortes. Julgam que os civilizados constituem apenas os pequenos grupos de homens com que já estabeleciam contacto. Crê o inspetor Meireles, que ali reside com sua esposa Abigail Meireles e três filhos menores, de ser a população xavantina avaliada em cinco ou seis mil almas. A chefia geral das várias aldeias de Xavantes está a cargo do velho índio. Apenas, selvagem, temia pelos seus chefes. Apenas é para os seus súditos um verdadeiro Deus.

Quando terminou a distribuição de presentes aos índios no outro lado do rio das Mortes, terras já consideradas pelos Xavantes como de sua propriedade, fomos